Réplica aos oradores que na Assembleia da Cooperativa de Aldoar, em 14 de Maio, tocaram a rebate contra a União das Cooperativas do Norte

Vou procurar ser claro e preciso de modo a nenhuma dúvida suscitar no espírito das pessoas que me ouvem, sobretudo da parte dos associados da Cooperativa de Aldoar que tenham tido a curiosidade de vir hoje aqui. Muitas e muitas razões de família e de amizade prendem-me aquela terra para que eu pudesse, por palavras francas ou insinuosas, desmerecer de uma instituição de que se orgulha aquele povo. Entre os associados daquela Cooperativa conto a maior parte das pessoas de minha família e muitos dos meus amigos. E se isto não bastasse, o facto de me interessar pelo desenvolvimento do cooperativismo — na freguesia em que vivo, na cidade a que pertenço e no país de que sou filho — impedir-me-ia de assumir aqui atitudes agressivas ou sequer menos correctas para com a Cooperativa de Aldoar, elo de uma cadeia que desejo ardentemente ver tornar-se cada vez mais extensa e sólida. Despido de todo e qualquer espírito bairrista, a Cooperativa da minha localidade só me interessa mais que as outras por ser nela que mais directamente devo atuar, e se algumas vezes saliento contrastes entre ela e as congéneres é tão somente para demons

trar que é a mais umilde entre todas... Não há aqui lugar para jactâncias, para presunções, que aliás considero absolutamente descabidas entre uma ~~[illegible]~~ e mesma família como devem ser os organismos que se abrigam sob a bandeira fraternal e universal da cooperação. Postas assim as coisas, nenhuma pessoa bem intencionada poderá tirar das minhas palavras ou das minhas intenções consequências ~~[illegible]~~ a que elas na verdade não ~~[illegible]~~ conduzem. Tendo os factos que pretendo ~~[illegible]~~ rebater ocorrido na Cooperativa ~~[illegible]~~ de Aldoar, certamente que não posso deixar de falar no seu nome, sem que isto envolva qualquer animosidade contra ela e por conseguinte contra os seus associados, que estimo tanto como os meus consócios da Cooperativa a que pertenço. Postas assim as coisas para evitar possíveis mal-entendidos ~~[illegible]~~ e o desvirtuamento das minhas palavras, entro, meus amigos, no assunto.

Na qualidade de componente da Comissão Organizadora da União das Cooperativas do Norte, fui ~~[illegible]~~ encarregado ~~[illegible]~~ pelos meus colegas de assistir, se tanto me fosse permitido, à Assembleia que no dia 14 de Maio ~~próximo~~ se realizou na sede da Cooperativa de Aldoar, sendo ao mesmo tempo portador de um ~~[illegible]~~ ofício da Comissão oferecendo os ~~[illegible]~~ préstimos para o caso de desejarem quaisquer esclarecimentos pessoais ao Projecto de Regulamento que precisamente ia ser

discutido e apreciado naquela assembleia.

Quando ali cheguei, de volta da Baixa onde fui registar um ofício para o Delegado do Governo junto do Grémio dos Armazenistas de Mercearia, e que por falta de uma assinatura não pode seguir no dia anterior, já a assembleia havia começado, embora, creio, que pouco tempo antes.

Estava no uso da palavra o Presidente da Direcção e eu fiquei uns poucos embaraçado, hesitante, quanto ao que devia fazer: entrar ou não entrar. Sentindo-me estranho, como na verdade era, resolvi ficar num compartimento anterior, certo de que tendo sido reconhecido, e adivinhados possivelmente os meus propósitos, me fosse facultada a entrada na Assembleia. E assim aconteceu, imediatamente à interrupção do discurso do sr. Presidente, a geral, prontamente, me convidou a entrar. Nesse momento entreguei-lhe a carta da Comissão, indo sentar-me depois de ligeira flexão de cabeça ao Presidente da Mesa, para uns lugares vagos da rectaguarda.

O Presidente da Direcção reconheceu as suas considerações, tendo momentos depois o ofício de que era portador e que dizia exactamente que estávamos prontos a prestar todos os esclarecimentos, e ao ensaio na própria assembleia, o que aliás fazíamos com muito gosto.

Conforme à ordem do dia, o assunto entrado em discussão era precisamente aquele que lá me levara, isto é, a constituição da UCN, cujas reuniões preliminares

res da Coop. do Povo Portuense o orador ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~ descrevia, com bastante fidelidade, reconheço-o, embora adulterasse um pouco as palavras e sobretudo as intenções de duas pessoas que especialmente visou: o sr. Alberto José Barbosa, da Cooperativa de Ramalde, e eu, isto no propósito evidente de chamar o odioso sobre os homens que estão empenhados em criar a União das Cooperativas, convencido, por certo, de que liquidados os homens liquidada está a obra.

Segundo as suas palavras, o Alberto José Barbosa e eu haviamos enxovalhado a Cooperativa de Aldoar na pessoa dos seus representantes às reuniões dos dias 15 e 27 de Abril, um dos dois pontos basilares em que apoiou a sua oposição à ideia da adesão da sua Cooperativa ao ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~ esforço que as sociedades congéneres vêem realizando com vista a tornar mais eficiente a sua acção. Esperançado em que, quando mais não fosse, por cortesia, me seria permitido dizer duas palavras sobre o assunto, logo me impus a mim mesmo o dever não só de defender o outro visado, justificando e precisando as suas ~~[illegible]~~ afirmações, como de não retirar uma única palavra do que eu próprio dissera — enquanto insofismáveis provas de boa vontade e de boa fé não me convencessem de que havia cometido grave erro quando afirmei que da parte dos delegados de Aldoar — do seu Presidente e de um outro que se manifestou num ligeiro aparte — havia visível má vontade

e parece que não. Digo parece, porque não me recordo de o ter presenciado, mas como ela está provada, à sociedade não me custa nada aceitar a responsabilidade de tal declaração. O delegado de Ramalde sr. Alberto, disse e muito bem que era lamentável que a Direcção de Aldoar se escudasse numa futura resolução da sua Assembleia para se recusar a responder a estas perguntas simples: Concordam, em princípio com a criação de um organismo federativo? Das, em princípio das resoluções ulteriores da Assembleia, adesão ao mesmo? E que mais disse aquele delegado? Que pudesse pôr a honorabilidade da Direcção e da maioria associativa da Cooperativa de Aldoar? "Que mal ia a uma direcção que não tivesse autonomia bastante para tomar resoluções que, como estas, estivessem absolutamente no âmbito das suas atribuições e de acordo com os princípios porque se norteiam as sociedades cooperativistas." Mais: "Que mal ia à direcção que não merecesse dos seus associados aquele mínimo de confiança que lhe permitisse tomar uma resolução daquele género sem incorrer num voto de censura". O delegado da Cooperativa de Pereiró não disse que a Direcção da Cooperativa de Aldoar não tinha autonomia, nem que não merecia a confiança da parte dos seus associados. Quem o afirmou foi precisamente o seu Presidente quando se confessou sem poderes para, mesmo em princípio, tomar qualquer resolução outra atitude que não fosse a de comodamente se abster. É claro que toda a gente viu que não

era ~~[illegible]~~ por falta de autonomia ou pelo receio de contas a prestar a uma Assembleia que aqueles delegados se esquivavam a responder às perguntas formuladas. Não lhes faço a injustiça de os considerar membros de um corpo sem vida, como seria o caso de uma Direcção em tais condições. O que se encontra por debaixo da sua declarada ~~palavra~~ era tão somente aquilo que eu, posto de parte eu próprio mesmo e servindo-me das precisas palavras no preciso momento classifiquei de má vontade e se quiserem má fé. Para quê meias tintas, meios termos, quando a nossa bela língua permite pôr tudo a claro, mesmo os nossos pensamentos mais ocultos.

Eu não conhecia o sr. Presidente da Direcção da Cooperativa de Aldoar. Não sabia até que alturas se elevava o seu pensamento de cooperativista militante, quais eram os seus pontos de vista quanto às possibilidades presentes e futuras da ideia cooperativista. Tão pouco conhecia o que a tal respeito pensavam os seus colegas da Direcção (bem como os seus muitos associados) e dos restantes corpos gerentes. De uma coisa estava, porém, certo: é que haviam todos de receber com simpatia, ou pelo menos com alguma boa vontade, a ideia da criação de um organismo que congregasse as forças dispersas de todas as cooperativas na materialização do lema que a todas é comum: "A União faz a força!" Mas aqui me enganei redondamente. O meu optimismo sofreu rude golpe. Nem simpatia, nem boa-vontade. Foi, como expressivamente se costuma dizer, com duas pedras

na mão, que o Sr. Presidente e alguns dos seus colegas receberam a notícia de que se ia criar nesta cidade uma União de Cooperativas. Como para bom entendedor meia palavra basta, as primeiras palavras que na primeira reunião ouvi ao ~~[illegible]~~ Presidente da Coop. de Aldoar foram suficientes para eu ver nele aquela má vontade que se revelou na segunda e confirmou plenamente na Assembleia do dia 14 que estou comentando.

Depois do ataque pessoal aos hipotéticos ofensores da sua Cooperativa — que nenhum cooperativista pode, sequer, desestimar — o orador agarrou-se ao segundo pilar em que ~~[illegible]~~ montou a sua construção desconstrutiva, que era nem mais nem menos que a malfadada e há ~~[illegible]~~ vários anos extinta União de Cooperativas que funcionou aqui no Porto. Da oposição aos indivíduos passou ao combate ao próprio princípio de organização, dizendo daquela o que Mafona não diz há muito do toucinho... Foi de ladrões para baixo e gatunos para cima que este ~~[illegible]~~ dirigente de uma Cooperativa ~~[illegible]~~ quem sabe se já alguma vez de igual modo tratado por algum detractor da sociedade a cujos destinos preside — tratou os homens que estiveram à frente da antiga União. E precisou, para se não ficar apenas por palavras duras mas vagas, que aquilo era um regabofe, com comesainas, etc.. Aqueles malandros banqueteavam-se com latas de conserva e vinhos de qualidade, ali mesmo na cara dos delegados... O tesoureiro — morto há tanto tempo ~~[illegible]~~ esse man

dava o próprio filho roubar...

Foi neste tom, e em gesto pouco largo mas olhar fulminante, que o ~~orador em plena~~ Presidente da Direcção da Cooperativa de Aldoar tratou em plena Assembleia Geral das relações da sua Sociedade com a União das Cooperativas, iniciativa de grande alcance e pequenos erros que a impediram de prosseguir e prosperar como merecia.

Um ~~[illegible]~~ merceeiro de baixo estofo, disposto a prejudicar o êxito ~~[illegible]~~ de qualquer das nossas Cooperativas — da de Aldoar, por exemplo — não usaria linguagem mais adequada nem mais eloquente. Ladrões, gatunos, ~~[illegible]~~ — que mais se precisa para emporcalhar uma obra que se esboça, atingir um princípio elevado contra o qual carecemos de argumento, de objecções rasoáveis? As minhas responsabilidades no movimento cooperatista são puramente locais e não datam senão de há poucos anos. Isto quere dizer que nada tenho que ver com a extinta União de Cooperativas e por conseguinte com os pequenos ou grandes erros que lá tenham sido cometidos. Como se pretendeu, porém, com este ataque grosseiro ~~[illegible]~~ destruir o próprio princípio de organização, ~~e se pretendeu~~ pondo em dúvida a seriedade dos homens que ~~[illegible]~~ hoje se ~~[illegible]~~ esforçam por ~~[illegible]~~ criar um organismo, que longe de ser um entrave ~~[illegible]~~ será um factor de progresso para as cooperativas que se abriguem no seu seio, repudio em absoluto tudo quanto afirmou o primeiro orador da manhã de domingo, 14 de Maio, na

a propósito da antiga União, já que nada pôde dizer da que actualmente se organiza.

O segundo orador, o sr. Presidente do Conselho Fiscal lançou também mão das afirmações desprimorosas feitas na reunião do dia 27 de Abril, esforçando-se por ennegrecer ainda mais o quadro descrito pelo orador antecedente, acrescentando pormenores inéditos contra mim. Deste modo fiquei a saber que eu cometera a indelicadeza de enrolar como quem faz um cigarro o convite para a Assembleia Geral que o Presidente da Direcção me fora entregar à Mesa. Nesta segunda reunião eu já me apercebera que a delegação de Alador não fora para ali na disposição de contribuir para o esclarecimento dos assuntos a debater, embora manifestando correctamente as suas discordâncias se as tivesse. O que preocupava pelo menos parte dos seus componentes era caçar qualquer ~~[illegible]~~ contradição — real ou aparente — dos outros delegados, apanhar ás falhas que no ardor da discussão todos ou quase todos temos. Era o que se chamava estar de atalaia na cata dos falhanços. Das duas ou tres vezes eles apontaram uma ou outra frase, que sem mais explicações por parte de quem a tinha proferido parecia um absurdo. Não suponho, porém, que o Presidente do Conselho Fiscal, cujas palavras na 2ª reunião, ainda que discordantes, foram, como deviam, consideradas, dado ~~que nenhuma coisa a~~ ~~fundamentá-las~~, não serem meras afirmações destrutivas, até ele esteve atento ao gesto e à fala dos que

se manifestaram contra o ponto de vista da sua delegação, e tanto que me ~~veio~~ vim brincar daquela maneira com o ~~pel~~ convitezito. Confesso que não dei fé... Um tanto ou quanto ~~surpreendido~~ desgostado pelo rumo que as coisas estavam a levar — devido ao abstencionismo obstrucionista da delegação de Aldoar, deixei-me arrastar por momentos para uma espécie de abstração meditabunda... Daí o crime de enrolar o papelzito, que não li conforme me fora pedido, pela simples razão de ~~que~~ já todos ~~tinham~~ terem conhecimento do que ele encerrava.

A interpretação dada por este orador às palavras do Presidente da Coop. de Ramalde, sr António Magalhães, meu colega na Comissão, também não foi feliz. Advertamos desde já que a iniciativa da criação da U C N não partiu de Ramalde, embora tivesse partido daquela Coop. a ~~[illegible]~~ ideia das reuniões da Coop. do Povo Portuense que nos conduziram a ela. Inicialmente a Direcção da Coop. de Pereiró limitou-se a propor a nomeação de uma Comissão que se encarregasse de junto de todas as Cooperativas debater problemas de organização e propaganda, no sentido de futuramente se poder lançar as bases de um organismo federativo. No entender de Magalhães era necessário fazer muita e muita propaganda ~~[illegible]~~ entre os associados de todas as Coop. a começar por aquela de que é Presidente. Por sugestão, contudo, de outros delegados as coisas tomaram desde logo um sentido mais objectivo, não se lhe opondo António Magalhães, tanto mais que colegas seus da Direcção também concorda-

vam que era necessário passar das palavras aos factos.
E quando se abordou a questão das assembleias gerais, M. M., de acordo com o velho aforismo "os santos de ao pé da porta não fazem milagres," disse que seria necessário que elementos estranhos às próprias assembleias deviam comparecer nelas para fazer a defesa da União, a começar pela sua própria Cooperativa, na previsão de que por meras questões pessoais ou de verrina alguém se opusesse à obra em curso só por a verem advogada por ele, Magalhães. Destas afirmações, que só pecam por ser honestas e sinceras, tirou o segundo orador desta infeliz assembleia as conclusões que convinham ao objectivo que se propuseram atingir: repudiar pura e simplesmente a ideia da adesão ou mesmo qualquer espécie de relações com a União das Cooperativas do Norte, que se pretende estruturar em bases sólidas e duradouras.

Mas a palma da glória daquela manhã coube ao terceiro e último dos oradores — o sr. Carlos Lopes Pinto. ~~Facto curioso: antecipou, numa visita anónima que fiz com outro colega à Cooperativa de Aldoar a fim de [illegible] in loco [illegible]~~ Tenho que confessar que o plano foi bem gisado, a orquestração optimamente conduzida. Duma assentada os poucos associados presentes — umas vinte e sete pessoas entre Mesa, oradores e assistentes — souberam do nascimento, batismo e morte da

infeliz criança — A União das Cooperativas do Norte... E foi num crescendo cada vez mais crescente que aquela mé-nica jaz-bandesca se foi ouvindo...

Este senhor, que pelo seu ar ex-cathedra (isto é, doutoral) prometia dar outro rumo às coisas, terminando aquela assembleia mais dignamente, subiu de tom, ~~e~~ melhorou o gesto e ~~[illegible]~~ fez muito mais que os outros para que aquela manhã ~~[illegible]~~ escrevesse uma página tristíssima nos anais do cooperativismo nortenho, ali portas a dentro de uma Cooperativa que todos admirávamos. Foi dos oradores o mais acintoso, o menos correcto e até o mais infeliz... Tão infeliz, que a pesar do seu ar ex-cátedra, das suas responsabilidades intelectualizantes, cometeu um grave deslise de português, desses deslises que se perdoariam aos anónimos que redigiram o Projecto de Regulamento da União; mas que se não desculpa nem perdoa a quem classificou, desdenhoso e sarcástico, aquele documento de um pobre papelucho, repositório de asneiras de todo o género. E isto dito ali sem o menor pudor, ~~na presença~~ indelicadamente, na presença de um dos autores, amordaçado, ~~[illegible]~~ e sem direito a defesa. A cátedra derruiu... O orador estatelou-se estrondosamente, metendo dó!.. Contudo merecia ainda porcima duas palmatoadas bem puxadas de um senhor professor primário... ~~Melhor lhe fôra ter deixado das alturas e perguntas~~ Eu fora ali no bom propósito de prestar todos os esclarecimentos neces-

porém nunca supus que teria oportunidade para dar uma liçãozinha a tão ilustre orador...)

sários, ~~até mesmo~~ de português... Porque não desceu das alturas e me interrogou acerca do significado daquela palavra ?... Eu não lhe levava nada pela lição (~~...~~ perdoem-me os meus amigos ~~esta~~ petulância...), e ~~...~~ de boa vontade poupar-lhe-ia um tal desaire na presença daqueles modestos trabalhadores, alguns dos quais terá, certamente, dado pela coisa.

Procurando de um só golpe deitar tudo abaixo, agarrou-se ao Artigo 10.º do Projecto de Regulamento da UCN e considerou que sendo esta ~~uma associação~~ entidade rigorosamente mandatária — como nele se lê — ela se propunha mandar discricionàriamente nas Cooperativas aderentes. Mandar na Cooperativa de Aldoar? — isso nunca! Não faltava mais nada virem uns senhores quaisquer dar ordens nesta nossa casa. Ora essa figurões!!! Nunca e nunca! Nem mais nem menos. Este orador, com fumaças intelectualizantes, considerou mandatária sinónimo de mandante! Claro que a ser assim todo o artigo estava confuso, porquanto nele se diz que "compete às sociedades que constituem a UCN determinar através do seu orgão soberano ~~...~~ as directrizes dos restantes orgãos administrativos. ~~Não~~ há aqui Como conciliar este ponto de vista puramente federalista, com a conclusão centralista, autoritária, tirada pelo snr. C.L. Pinto? Estão a ver o efeito que as palavras mandões, mandantes, etc., produziriam no espírito dos ~~assistentes~~ associados presentes, sempre avessos à ideia de que alguém os tutele — embora quanta

vezes ~~consentidos~~ por falta de discernimento, por incompreensão e quase sempre por boa fé, consintam em tal, como se viu nesta mesma assembleia onde nem uma única voz surgiu ~~[illegible]~~ a fazer ~~[illegible]~~ a pergunta mais inocente...

A palavra soberano, que no mesmo artigo aparece a vincar claramente a dependência da UCN das cooperativas nela agrupadas, serviu também para o orador martelar a tecla do carácter absorvente, ditatorial do organismo em formação. Deturpação mais completa nunca vi. Outro Artigo vítima da interpretação insidiosa deste senhor foi o 15.º que, coitadito, foi de tal maneira baralhado, que ninguém percebeu coisa nenhuma nem do que ele diz nem do que disse o sr. Lopes Pinto. Por esta pequena amostra vêem os senhores da honestidade, da lisura, ~~da independência~~ com que procedeu o citado orador. Adulterou, deturpou, ~~[illegible]~~ o trabalho alheio, intrujando ignobilmente os seus consócios, os quais talvez por excessiva boa-fé, por falta de preparação ou por imperdoável indiferença, engoliram em seco tudo quanto lhes impingiram na famosa assembleia. Mas não se ficou por aqui o laureado orador. ~~No domínio das afirmações gratuitas, ou diz-se por assim dizer~~ A sessão serviu-lhe para tecer um hino de louvor à administração da sua Cooperativa (aliás ninguém lho negaria) e menoscabar a obra de outras, metendo de permeio mercado negro, falências, etc.

~~[illegible]~~ A propósito dos "insultos" feitos à sua sociedade, quis saber o nome do principal visado, só faltando exigir que ele, braço ao pescoço, mulher e filhos ao lado, fosse como Egas Moniz entregar-se à justiça dos ofendidos... Foi de um quixotismo grotesco, parecendo um cavaleiro medieval em defesa da sua dama ultrajada... E esgrimiu, investiu contra moinhos de vento, supondo atacar gigantes como aconteceu ao herói manchego... Referindo-se à União das Cooperativas, os termos célebre, semelhante e outros, tomados no seu sentido pejorativo, andavam-lhe sempre na boca. Não sei se se referia à antiga, se há que actualmente se organiza. O que sei é que lançou sobre os (de ontem e os homens de hoje) homens as suspeitas menos fundadas e mais graves, aconselhando a assembleia, os associados da Cooperativa de Aldoar a nunca pactuar com tal gente! A Cooperativa de Aldoar não precisa de lições de ninguém, repudiando absolutamente a espécie de colaboração que lhe propõem. Nunca a sua Cooperativa se envolverá em semelhantes organizações — a não ser por decreto do governo, por imposição de quem tenha poderes legais para o fazer...

Enfim, meus senhores, ~~[illegible]~~ nunca supus ~~[illegible]~~ ouvir ~~sob o teto de uma Cooperativa~~ dizer tão mal dos princípios e métodos cooperativistas — sob o teto de uma Cooperativa. Porque ao fim e ao cabo

o que estes oradores fizeram não foi mais que enlamear, emporcalhar ~~o~~ ~~[illegible]~~ ideal cooperatista.

Em toda aquela funesta assembleia nem uma única palavra construtiva, nem o mais ligeiro assomo de crítica criadora. Maledicência, derrotismo, maldade, incompreensão absoluta pelos propósitos e esforços desinteressados dos que procuram dotar as sociedades cooperatistas ~~[illegible]~~ dos meios indispensáveis para levar a bom termo a missão a que se destinam. Compreendia-se que se apontassem erros ~~[illegible]~~ passados para nos acautelarmos ~~hoje~~ ~~[illegible]~~ de os repetir hoje. Salientar os pontos fracos, os motivos de desastre — era não só compreensível como desejável. ~~Mas~~ Mas não o fizeram, talvez porque nem disso tivessem conhecimento... O que para ali afirmaram, espremido, não dava coisa nenhuma. Afora as latas de conserva devoradas e os copos de vinho bebidos, o demais eram palavras, palavras... Números, nenhuns — o próprio Presidente da Direcção afirmou que não há números, boa maneira de fugir a responsabilidades. O terceiro dos oradores entrincheirou-se no célebre, no tal adjectivo célebre e foi tudo quanto adiantou. Que sabia ele acerca do que fôra a efémera vida da União? Nada. Dando-se, porém, de barato que houve grossa asneira por parte dos dirigentes, mais, que houve imoralidades ~~[illegible]~~, abusos, isto significa que a coisa falhou para todo o sempre? Seria admitir que

toda a Cooperativa onde ~~seja~~ surjisse ~~ou~~ um desastre de administração ou de direcção — isto já aconteceu ~~um~~ até na Cooperativa de Aldoar — estivesse condenada irremediavelmente a fechar as portas. O sr. Lopes Pinto sabe muito bem que não é assim. Sabe que os erros dos homens, ainda que reflectindo-se nos organismos que administram, não ~~sejam~~ ~~ficam que estes falharam~~ representam o fracasso destes. Quando muito dão motivo a revisões, a reajustamentos, com vista a evitar a sua repetição futura. E digo que o sr. Lopes Pinto sabe disto porque, (segundo me) disseram ~~sua~~ um dia na Cooperativa de Aldoar, ~~que~~ ele entrara ali após uma das tais crises de administração, ~~fazendo~~ mudando o rumo da embarcação... Quantos, porém, não andavam por lá a vaticinar o próximo fim da prestante sociedade, não acreditando que se fizesse ali mais alguma coisa de geito. Contudo o sr. Lopes Pinto, rodeado de outros elementos prestáveis, demonstrou-lhes que não era assim, desafogando financeiramente em poucos anos aquela casa. Isto me disseram um dia na própria Cooperativa de Aldoar, de mistura com louvores para ~~a~~ acção daquele senhor. Regra geral, sempre que me dizem bem de uma pessoa — acredito. ~~[illegible]~~ Por isso acreditei em tudo quanto me disseram do sr. Pinto, mesmo sem o conhecer. Já se me tivessem dito mal, eu poria mentalmente as minhas reservas. Uma já larga e proveitosa experiência dos homens põe-me em guarda sempre que ouço fazer acusações ao meu semelhante.

Não me deixo arrastar por meras palavras, sobretudo quando estão em jogo o carácter, e a dignidade de alguém, mesmo desconhecido, mesmo adversário. Sem provas insofismáveis, não me faço veículo de acusações, quantas vezes ~~[illegible]~~ puras e nefastas calúnias visando fins inconfessáveis ou produto de mentalidades avariadas e derrotistas. Precisamente naquela assembleia de Aldoar não se fez mais que extravasar calúnias sem mérito para ninguém. E foi pena que a grande massa dos associados não tivesse acorrido aquela sessão. Sempre alguem teria levantado a sua voz, impedindo que se consumasse a aprovação da ~~[illegible]~~ proposta isolacionista que ~~[illegible]~~ pôs aquela Cooperativa à margem de todas as sociedades congéneres, como se estas fossem leprosarias. Afinal o que pensam aqueles oradores, mormente o terceiro, do movimento cooperatista? Porque bambúrrio anda este senhor envolvido numa sociedade deste género? Que objectivos tem em vista? Que ideia faz dos associados das outras Cooperativas e sobretudo dos seus militantes? Toda a sua fraseologia denunciava um desdem soberano pelos demais, o que talvez se explique pela posição destacada que ocupa nos meios citadinos... Para que há-de ele desejar contactos com pessoas de baixa categoria, quando frequenta pessoas tão categorizadas?... Lá dizem os franceses: "Chacun dans sa place"... E o que mais espanta é que sendo membro de uma organização que parece primar pela ~~[illegible]~~

~~sua~~ hospitalidade e gentileza não tivesse tido a lembrança ~~e delicadamente~~ de propor que eu, representante das entidades interessadas, e directamente atingido, pudesse alegar alguma coisa em defesa das vítimas... Disseram tudo quanto lhes apeteceu, não tendo tido a ombridade e a honestidade de aceitar a réplica que ~~eu~~ lhes ~~devia~~ seria logo ali dada. Estavam seguros do seu papel, ou sabiam-se em terreno falso?

Dizer que nos é indiferente a atitude que Aldoar assumiu naquela assembleia de vinte e tantos votos — não é verdade. Lamentamo-lo profundamente, pois aquele gesto representa uma fenda no edifício que pretendemos levantar. Nós contávamos com a unanimidade de votos, isto é, contávamos com todas as Cooperativas interessadas. Infelizmente por obra e graça de tres senhores tal não aconteceu. Não vamos, porém, por tal motivo ~~nos~~ deixar de pugnar pelos interesses de todas as cooperativas ~~ponto os depositos que visamos, nem sequer pouparmos esforços a empregar~~ pois o desertar de uma não ~~nossa~~ pode afectar a obra em que estamos empenhados. E mais tarde ou mais cedo, a Cooperativa de Aldoar reconsiderará, vindo unir-se no mesmo amplexo ~~que a todas as~~ que ~~[illegible]~~ todas abarca, rasgando aquela página infeliz do dia 14 de Maio. Manter-se isolada é desmentir-se a si própria, ~~e~~ significa ~~[illegible]~~ a Cooperativa não é uma união de esforços para um melhor

fim? E a União de Cooperativas que mais é se não esta conjugação de esforços num mesmo e único resultado comum a todas? Quem pode pôr em dúvida as vantagens que resultarão das compras feitas tão directamente quanto possível aos próprios produtores, ou aos primeiros intermediários? Quem duvidará dos resultados que advirão das compras em larga escala? Camaradas Quem não vê como através de um organismo coordenador se pode vir a simplificar esse problema sempre latente e tão grave da compra dos artigos de cada Cooperativa?

Terá porventura esta obra Tem dificuldades esta obra? Encerra perigos? Mas porque as não vencermos, porque as não arrostarmos?

E tudo isto e muito mais se faz lá fora, como não o fazermos nós? Duvidarmos, seria pôr sobre nós próprios um significativo certificado de incompetência e desonestidade, já que tal obra há-de estribar-se precisamente na vontade e honestidade de todos os cooperantes dos melhores e mais competentes elementos de todas as Cooperativas. Nem uma só deixará de ter responsabilidades, fiscalizando activamente os actos das pessoas que ali venham a desempenhar funções de qualquer importância. Por isso mesmo é uma sociedade mandatária. Recebe e executa os mandados das Cooperativas aderentes.

Edite

Doc. Nº 2

Copia do oficio enviado á Cooperativa de Aldoar em 12/6/50

Exmo. Snr.

Esta Direcção em uma das suas ultimas sessões apreciou a informação que teve do decurso da vossa última Assembleia Geral, nela foram feitas apreciações injustas em refrencia á Comissão da União das Cooperativas, e, ao mesmo tempo a esta Cooperativa, porque ela faz parte da Comissão, não poupando tambem o nosso secretário do Conselho Fiscal.

Chegou-se mesmo a censurar o facto dos relatórios não estarem impressos, questão que não devia interessar-vos, mas, ficou bem claro o fim que havia em vista, amesquinhar a referida Comissão.

Por tal facto, não poderiamos ficar indeferentes sem vos apresentar os nossos protestos.

Intende esta Direcção que tais processos de propaganda se não harmonisam com o Cooperativismo.

Sem mais somos a desejar

Saúde e Cooperativismo

Pela Direcção

(a) Antonio de Magalhães

Presidente